ANO 7.º — Sexta-feira, 24 de Abril de 1914 — NUMERO 319

O DEMOCRATA

(AVENÇA)

SEMANARIO REPUBLICANO RADICAL D'AVEIRO

ASSINATURAS (pagamento adiantado)
Ano (Portugal e colónias) . . . 1$20
Semestre . . . $60
Brasil e estranjeiro (ano) moeda forte . . . 2$50
Avulso . . . $02
REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO, R. Direita, n.º 54

DIRECTOR E EDITOR — ARNALDO RIBEIRO
Propriedade da Emprêsa do DEMOCRATA
Oficina de composição, Rua Direita—Impresso na tipografia de José da Silva, Praça Luís de Camões

ANÚNCIOS
Por linha . . . 4 centavos
Comunicados . . . 2 centavos
Anúncios permanentes, contracto especial.
Toda a correspondência relativa ao jornal, deve ser dirigida ao director.

PELA REPUBLICA

. . . .

«. . . . . . A Republica é um facto; e não ha forças que a derruam.

Saudamo-la. E defende-la-hemos. Inclinamo-nos perante o novo regimen; e, da mesma fórma porque queriamos uma monarquia amplamente democratica, anti-clerical, desejamos que a nova Republica tenha um caracter RADICAL, olhando para as questões de justiça social, e extinguindo de vez—álias terá grâves sobresaltos e perturbações—todas as forças conventuaes e jesuiticas do ultramontanismo catolico. Não ha que hesitar um instante. Os partidos conservadores portuguêses nada pódem; mas se no país ficar a mão invisivel da REACÇÃO CLERICAL, éla agremiará forças e condensará energias. Na luta anti-clerical, os srs. drs. Bernardino Machado, Afonso Costa e Antonio José de Almeida foram sempre intransigentes. Da sua acção, do seu alto talento e caracter, muito tem que esperar a nova Republica—a qual saudâmos do fundo do coração e que desejâmos que seja um regimen largamente tolerante, de todos os portuguêses, apaixonadamente democratico, impreguenado duma FORTE TENDENCIA RADICAL E SOCIALISTA.»

(De **O Dia**, de 7 de Outubro de 1910

A santa lei

São passados tres anos depois da publicação da lei da Separação, e tão bem ela calou no fundo da consciencia do povo português, que ainda até hoje não surgiu abalo algum que dificultasse o seu cumprimento, ou sequer afrontasse as crenças catolicas na sua livre e expontanea manifestação.

O que se tem exibido em toda a sua hediondez é a sanha da vara clerical que se sentiu atacada, de morte, nos seus vergonhosos interesses! Porque é necessario não confundir o que se chama questão religiosa, que não existe, com a questão clerical, ou interesses do padre, postos em cheque.

Sob o ponto de vista strictamente religioso a lei da Separação foi a dignificação da consciencia, libertando o povo da tutéla clerical, subtraindo-o ás mil alcavalas com que ela torpemente tributava os actos do culto. Ser padre até ao momento em que se publicou a Lei da Separação era sinonimo de contrabandista e explorador.

O caracter apostolico que o realçava noutros tempos, em que ele vivia da expontanea esmola dos fieis, desaparecera por completo. Havia-se transformado um *escroc*, vivendo de expedientes e artimanhas, uma especie de *vigarista*, mas sem o arrisco dos que barateiam a vida numa refrega, como os salteadores de profissão. Verdade é que o padre, hoje como ha tres anos, continua a sua missão de explorador, mais ou menos disfarçadamente, mas não coopera ao seu lado o poder civil, nas suas expoliações. Só ha uma diferença—paga quem quer, só é vitima dêles quem nisso faz gosto. Apesar disso, a lei da Separação continua defendendo a bolsa e a consciencia dos fieis, purificando a propria religião, convertendo assim essa seita de salafrarios, numa classe de funções sociaes menos parasitarias e interesseiras.

E é por isso que o estomago faminto dessa matulagem ruge, e cada vez com mais rancor, por vêr que os seus protestos, excomunhões e desabafos resultam estereis, por não encontrarem éco compadecido no seio das multidões hostis ou pelo menos indiferentes. Por isso ela tem sido classificada de lei basilar da Republica, e sob o ponto de vista politico, foi de um incalculavel alcance para a estabilidade das instituições e na economia da religião uma revivescencia salutar, porque a aproximou, tanto quanto possivel, da purêsa primitiva do cristianismo. Ela constitue o timbre do estadista que a concebeu, e dá-nos a medida da pujança do seu cerebro e da rijêsa do seu punho. E' lustre e honra da patria e da Republica. Contra ela a reacção tem dirigido os seus mais violentos ataques e, por entre a fumarada de tantos protéstos e malsinações, ela surge intangivel dentre as pugnas da discussão, o que vem provar que corresponda a uma necessidade das circunstancias. E emquanto alguns palradores no parlamento lhe jogam os seus botes pouco certeiros, sem lhe desfazerem uma arésta, o povo que lhe está experimentando os seus beneficos resultados, festejou-a carinhosamente no dia do seu aniversario, como um facto social tão importante nas suas consequencias como a propria proclamação da Republica.

Junta Geral do Distrito

A' sessão de sábado da comissão executiva désta junta presidida pelo cidadão dr. Marques da Costa e com a presença dos vogaes, Arnaldo Ribeiro, secretário e dr. Elisio Sucena, foi presente o balancete do tesoureiro acusando um saldo de 219$23 assim como vária correspondencia de que tomou conhecimento após a leitura da acta anterior, que foi aprovada e assinada.

Aprovou as contas do Santissimo, da freguezia de Anta, concelho da Feira e do Santissimo, da freguezia de Burgo, concelho de Arouca. E por fim encerrou os trabalhos desse dia deixando na acta um voto de sentimento pela morte do cidadão Manuel Tavares de Almeida Maia, pae do digno membro daquéla comissão, sr. dr. Samuel Maia.

ADMINISTRADOR DE VAGOS

Veio a público a autoridade administrativa de Vagos na relissima gaséta da bicharia *democratica* da Vera-Cruz onde todas as imoralidades encontram defêsa, para dizer que *protestou numa indignação de riso* contra o que no *Mundo* veio publicado a seu respeito e que foi aquele telegrama a que nos reportámos no ultimo numero sobre a falta de assiduidade do administrador na respectiva repartição. Mostra o sr. administrador a sua estranhêsa por o diario lisboêta não ter dado importancia ao desconchavado *telegrama-protesto*; pretende justificar o motivo que o traz afastado, desde sempre, do emprego *que aceitou por simples deferencia* para com um amigo e como achasse pouco ainda, pespeganos um atestado de *competencia* (!) e um artigo de jornal a salvaguardar a sua identidade politica, que ninguem contésta, sendo até exatamente por isso que o sr. administrador de Vagos devia ser o primeiro a dar o exemplo, comparecendo, como lhe compete, na sua repartição, á hora regulamentar, afim de evitar reparos... e que alguem o chamasse á ordem... Mas o sr. administrador é doente, alega. Nesse caso não aceitasse um cargo que via não lhe ser possivel desempenhar por essa circunstancia. E' assim que faz quem, acima de tudo, coloca o bom nome das instituições, que se não prestigiam por outro modo que não seja com rectidão nos que as servem, moralidade e justiça em todosquantos lhe são afeiçoados.

De resto, promete o sr. administrador de Vagos saír, deixando em paz os povos que tão mal tem servido, não devido aos protestos que ultimamente se teem levantado, *mas porque quer, unica e exclusivamente porque quer.* Bem sabemos isso... Mas se não o fizésse contasse que o obrigariam a moralidade e os seus proprios correligionarios de Vagos a cumprir o que a lei e a decencia determina que se cumpra, sem contudo se acobardarem deante da minusculа autoridade e das fanfarronadas ridiculas com que tem deliciado o respeitavel publico.

Que afinal só essas podiam contribuir para a imortalidade do sr. Agnelo Regala...

Pedimos aos nossos assignantes que nos avisem sempre que mudem de residencia afim de que o jornal se não extravie e portanto o não deixem de receber.

23 DE ABRIL

Fez ontem 5 anos que no tribunal de Aveiro fômos julgados a requerimento dum conhecido masmarro désta cidade e que após a sentença condenatoria se deu o abalo scismico de tão funestas consequencias para Benavente e outras localidades do sul.

A talassaria indigena, de quem o padre era serventuario, rejubilou nesse dia porque julgava que não resistiamos á *sangria* aberta pela *Justiça* ás finanças do *Democrata*.

Enganou-se. Visto que a Verdade, que temos defendido, é bem mais forte que todas as perseguições urdidas para a esmagar.

Embaixador do Brazil

No sabado passado chegou a Lisboa, desembarcando do vapor *Arlanza*, o novo embaixador do Brazil em Portugal, sr. dr. Regis de Oliveira.

Por essa ocasião foram-lhe dispensadas não só as honras merecidas mas ainda as mais cativantes provas da mais alta consideração e afecto que nos merece o bom e velho admirador do nosso país como tambem o representante da nação irmã no sangue, na lingua e nos costumes.

A entrega das respectivas credenciaes realisada na absoluta conformidade das indicações protocolares, atingiu desusado brilho, trocando-se por essa ocasião as mais sincéras e amistosas declarações que sobremaneira honram e distinguem os dois países ha muito ligados por indestrutiveis laços de raça e afecto.

Na pessoa do ilustre diplomata, o sr. dr. Regis de Oliveira, saudâmos a nação brazileira, no solo da qual tantos corações portuguêses palpitam, fazendo os mais ardentes votos pela prosperidade da grande Republica que, representada pelo seu ilustre presidente, o marchal Hermes da Fonseca, assistiu ao desabrochar da que hoje redime e engrandece o povo lusitano.

FESTA PATRIOTICA

A entrega da bandeira nacional

ao regimento de infanteria 24, pelo "Grupo de Defêsa da Republica,, em Aveiro

Prometem ser grandiosos os festejos que o *Grupo de Defêsa da Republica* local leva a efeito no domingo para comemorar o dia da oferta ao valoroso regimento de infanteria 24 duma dumarica bandeira adquirida por subscrição pública, podendo-se dizer que toda a cidade se acha interessada em imprimir ao acto o maior brilhantismo como tantas vezes tem acontecido em ocasiões similares.

Não só pelo programa que temos presente, mas ainda pelo valor e significação de todas as festas em que entra o elemento militar, deve ser notavel e deveras comovente a patriotica solenidade para a qual, tanto pelo Grupo como pelo digno comandante do regimento 24, sr. José Cristiano Braziel, estão feitos inumeros convites no intuito de a tornar quanto possivel aparatosa, empolgante mesmo.

E se não vejâmos o que consta do citado programa:

A's 6 horas, alvorada com musica, fogo e uma salva de 21 tiros.

A's 11 horas, cortejo civico com carros alegoricos.

Ao passar o cortejo no largo da Vera-Cruz e rua do Cais proceder-se-ha á inauguração das lapides com os nomes Capitão Maia Magalhães e João Mendonça.

A's 13 horas, entrega da bandeira na esplanada do Côjo ao regimento de infanteria 24 sendo por essa ocasião dada uma salva de 21 tiros.

A's 14 horas, exercicio de ginastica pelos asilados da secção Barbosa de Magalhães, no mesmo local.

Programa do regimento

A's 9 horas, bôdo a 100 pobres, oferecido pelos oficiaes de infanteria.

A's 13 horas, recepção da bandeira e cerimonia da ratificação do juramento dos recrutas, no Côjo.

A's 14 horas, concurso de ginastica, luta de tracção e corridas, na pista de obstaculos.

A's 16 horas, distribuição de premios.

A's 17 horas, jantar, em comum, das praças do regimento.

A's 19 horas, jantar comemorativo da oferta da bandeira, para o qual serão convidados representantes do *Grupo de Defêsa da Republica* e autoridades civis e militares.

Iluminações e festival no jardim publico.

Ordem do cortejo

1 — Escolas, compreendendo professores e alunos. 2—Fanfarra do Asilo e asilados. 3—Associação dos Empregados do Comercio. 4—Associação dos Lavradores. 5—Associação dos Bombeiros Guilherme Gomes Fernandes e banda José Estevam com carro alegorico. 6—Associação de Socorros Mutuos das Classes Laboriosas. 7—Associação dos Bateleiros. 8—Centro Escolar Republicano. 9—Centro Republicano Evolucionista. 10—Sociedade Recreio Artistico. 11—Pessoal da Fabrica de Ceramica da Fonte Nova. 12—Pessoal da Fabrica de Ceramica dos Santos Martires. 13—Academia de Aveiro. 14—Colegio Aveirense. 15—Associação Humanitaria dos Bombeiros Voluntarios de Aveiro com a respectiva Banda e carro alegorico. 16—Representantes da Imprensa. 17—Autoridades e funcionalismo das diversas repartições e serviços publicos compreendendo os do Correio, Fazenda Distrital e Concelhia, Obras Publicas, Corpo Docente do Liceu, Administração do Concelho, Repartição Hidraulica, Alfandega e Sêlo. 18—Autoridades Civis e Administrativas. 19—Associação Comercial e comerciantes. 20—Câmara Municipal de Aveiro com o seu estandarte e carro da cidade e Câmaras Municipaes do Distrito. 21—Oficialidade de Marinha, Regimento de Cavalaria 8 e Guarda Fiscal. 22—Governador Civil, Deputados do Distrito e Senadores.—Um piqueté de Cavalaria.

Itenerario

Rua Almirante Reis, (estação)

rua do Gravito, Largo da Vera-Cruz, rua de José Estevam, rua de Entre-Pontes, rua do Cais, Rocio e Côjo.

* * *

A Comissão pede a todos os moradores das ruas por onde passa o cortejo, a fineza de guarnecerem as suas janelas com bandeiras e colgaduras.

Para o bôdo aos pobres dignou-se o ilustre comandante do 24 enviar-nos 10 senhas para serem distribuidas pelos protegidos do *Democrata*, o que desde já nos compete agradecer bem como o honroso convite de sua ex.ª para o jantar comemorativo da recepção da bandeira que á noite tem logar no Hotel Central.

* * *

O sr. Antonio Alves, distinto chefe da banda regimental, compoz uma marcha intitulada *A Bandeira*, dedicada á cidade de Aveiro, e que será executada pela primeira vez no acto da entrega do pendão á unidade militar de que faz parte.

* * *

Os briosos sargentos do mesmo corpo tambem no domingo efectuam um jantar de confraternisação lavrando entre eles o maior entusiasmo pelas festas que nesse dia se realisam como denota o seguinte

CONVITE

Os sargentos de infanteria n.º 24, no sentido de, com os seus esforços, concorrerem para a festa da entrega da Bandeira ofertada ao seu regimento pelo *Grupo de Defêsa da Republica*, de Aveiro, cujo acto se realisa no Côjo no dia 26 do corrente, pedem aos ex.mos habitantes das ruas do trajecto a especial fineza do seu concurso, engalanando *as fachadas das suas residencias*, para que o desfile do regimento tenha o maior brilho e gala, na festa que faz para comemorar a entrega da bandeira, simbolo sacrosanto da Patria.

O trajecto é o seguinte: *Avenida Bento de Moura, Entre Pontes, Praça Luís Cipriano, Ruas da Costeira, Direita, Eça de Queiroz, Largo Luís de Camões, Travéssa do Espirito Santo e Avenida Castro Matoso.*

* * *

O festival no jardim, segundo nos consta, terminará ás 24 horas, tomando nele parte a banda do regimento com um escolhido e seléto reportorio.

Barco salvo

Devido aos esforços para esse fim empregados, conseguiram os que nos trabalhos de salvamento tomaram parte, pôr de novo a navegar o hiate *Maria Miquelina*, que á entrada da barra havia descambado para a praia, naufragando, como por nós fôra, ha dias, noticiado.

Da carga, que era cimento, é que pouco ou nada se aproveitou, constando-nos, entretanto, que tudo estava no seguro.

A' roda dum "adesivo,,

—=(*)=—

... *Sr. A. Ribeiro*

A proposito das várias e sucessivas ascensões do *nosso presadissimo correligionario* Nordeste, que no crescendo de gloria em que vai, deve mais dia menos dia principiar a ser indicado para ministro nos govêrnos provaveis a quédas ministeriaes, tal qual sucéde ao principal protector do *nosso referido correligionario*; a esse proposito, repetimos, aplicou V. o dito de Aires de Gouveia, bispo de Betezaida: —*Quiz ser bacharel e fui doutor; quiz ser doutor e fui lente; quiz ser deputado e fui ministro; quiz ser padre e fui bispo e não sou general porque nunca fui soldado!*

Na parte final devo dizer-lhe, caro redactor, que toda a vantagem é ainda do *nosso correligionario* visto poder ele atingir o generalato por ter sido tropa, isto é, soldado de cavalaria, o que, de facto, não sucedeu ao bispo. E póde mesmo vir a ser bispo porque o *nosso correligionario* é e está com a gente que tão identificada sempre viveu com a seita jesuitica desde a defêsa das irmãs da caridade á da imaculada Conceição e para devotos tão sincéramente crentes não será de estranhar um milagre... Portanto o nosso Nordeste, não lhe mudando o vento, póde vir a ser tudo quanto Áires de Gouveia foi e mais — general — pela vantagem de ter sido soldado o que não sucedeu ao bispo de Betezaida..

Supondo que V. não despresará a lembrança de tal possibilidade visto que se trata dum nosso *dedicadissimo correligionario* a quem V. tão *injustamente* chama *adesivo* quando é cérto que ele está com *autenticos correligionarios* do tempo do Marréca, aí tem o que sobre o caso me sugêriu dizer-lhe e que V. desculpará a um dos seus primitivos assinantes, que se subscreve

Velho amigo

Aos depositantes da Caixa Economica de Aveiro

Foram já publicados os estatutos da Caixa Economica de Aveiro.

Como vamos vêr foi ela autorisada a aumentar as suas despêsas com novos ordenados, e ao mesmo tempo a reduzir o juro aos depositantes, para que as receitas dêem para pagar uma bôa posta a um gerente e mais 5 % sobre os lucros liquidos da Caixa, aos tres membros da Direcção. Ao todo quatro logares remunerados. Ha na assembleia muitos acionistas que se opõe á redução dos juros, por ser isso contrario á indole daquela instituição, e não haver atualmente razão que justifique semelhante alteração, atendendo ás condições de prosperidade da Caixa. Importa aqui assignalar que um dos membros da direcção, que é quem se regala com a fatia de gerente, dizem, é um dos propugnadores da redução de juros.

Este procedimento tem a justificação naquele principio de bôa economia e previdencia, que diz que não é possivel fazer morcelas sem sangue; e como as morcelas tinham de ser feitas num futuro mais ou menos proximo, como se está vendo, foi-se defendendo o córte ou a sangria de juros aos depositantes, já no intuito de haver sangue para encher as ditas morcelas. E estas palavras nos trazem á colecção aquelas que atribuem a nosso S. J. Cristo—*quem ganhasse que se risse e quem perdesse que se... purgasse*... Mas iamos nós dizendo que tudo aquilo está estabelecido nos novos estatutos, como se vê dos artigos seguintes:

Art. 46—A assembleia geral nomeará um individuo idoneo para exercer o lugar de gerente ao qual compete gerir, sob as ordens da Direcção todos os negocios da Caixa...

§ 1.º—Este empregado vencerá ordenado e prestará a caução que a assembleia geral determinar.

§ 2.º—Tem preferencia para o cargo de gerente os socios e dentre eles os que tivérem por mais tempo servido na direcção.

Art. 54—Cada membro da direcção receberá, como gratificação, 5 % dos lucros anuais liquidos de todos as outras despêsas do estabelecimento.

Art. 61 — A assembleia geral da Caixa Economica de Aveiro é constituida pelos socios da mesma Caixa e por 5 delegados dos depositantes, eleitos de 3 em 3 anos, em reunião dos mesmos depositantes, para esse fim expressamente convocados pelo presidente da assembleia geral e por êle presidida, por anuncio publicado com oito dias de antecedencia nos jornaes mais lidos da localidade e afixado no atrio do edificio social.

A reunião convocada para este fim tem lugar no proximo domingo. A éla não devem faltar os senhores depositantes, visto que ao longe se enxergam já os lampejos do brunido facalhão que terá de talhar pelos seus juros que tanto lhes tem custado a amontoar.

Necrología

—=(*)=—

MANUEL TAVARES DE ALMEIDA MAIA

—=(*)=—

Finou-se na sexta-feira, em Ilhavo, donde era natural, este venerando ancião, pae do nosso querido amigo e velho correligionario, sr. dr. Samuel Maia.

Dotado duma lucida inteligencia que lhe permitiu conservar quasi até aos ultimos momentos aquele tom humoristico que o caracterisava, o sr. Tavares Maia deixou a vida quando os seus 76 anos estavam tambem prestes a terminar, podendo dele escrever-se que era um homem geralmente bemquisto, muito estimado e apreciado pelo fino espirito com que se destacava no meio dos seus conterraneos.

Assim, conta-se, por exemplo, que um dia, sabendo o sr. Tavares Maia duma dádiva feita ao Senhor Jezus por um maritimo da sua terra, dádiva que consistia na entrega dum relogio e corrente que, por promessa, se julgava obrigado a entregar-lhe, acorreu a casa e, sem mais preambulos, ordenou que a creada fosse tambem levar ao Senhor Jezus, mas depressa, um colête dos seus, visto como, de contrario, não poderia o santo usar a corrente e o relogio por falta dessa peça de vestuario...

Em toda a parte onde se encontrasse o sr. Tavares Maia, estava, pois, o homem de espirito que não só se impunha pela originalidade dos seus ditos como tambem pela prodigiosa memoria que lhe permitia dar relação de tudo quanto se prendesse com factos antigos, quer passados em Ilhavo quer fóra de ali. O ponto é que tivéssem tido repercussão na imprensa, que ele lia sempre com interesse e avidez.

O funeral civil do saudoso extinto realisou-se no mesmo dia com enorme concorrencia de amigos do honrado velho, encorporando-se nele as várias associações locaes e bastante povo que até ao cemiterio acompanhou o cadaver de Tavares Maia.

A toda a familia enlutada, mas especialmente ao dr. Samuel Maia, aqui renovamos as condolencias que pessoalmente lhe fomos levar no mesmo dia em que soubémos do profundo desgosto que o feriu, acompanhando-o assim na sua grande dôr.

* * *

Tambem nos chega a noticia de haver falecido em Aldegalega o sr. Daniel Augusto Regala, antigo escrivão de direito e amigo muito intimo do finado Tavares Maia.

Triste coincidencia.

* * *

Em Verdemilho, freguezia de Aradas, deixou egualmente de existir o sr. Francisco Patricio do Bem, mais conhecido pelo *Farruca*, abastado proprietario.

Foi, em tempo, um grande influente politico com muitas relações nesta cidade, onde contava amigos que no entanto se esqueceram dele na hora da adversidade.

E' sempre assim.

CONTRA A REACÇÃO

O aniversario da lei separatista no Porto

Demonstrações liberaes

São unanimes os jornaes da capital do norte em relatarem a grandiosidade atingida pelas manifestações de caracter liberal ali produzidas no ultimo domingo e nas quaes tomaram parte centenas de agremiações democraticas com as suas bandeiras e estandartes enchendo o recinto escolhido para a organisação do cortejo e ruas proximas.

Muito antes das duas horas já o Largo da Academia estava repleto de povo, começando uma hora depois o desfile do cortejo que é considerado o mais imponente pela sua extraordinária extensão, quantidade de pessoas que nele se encorporaram e entusiasmo em todas as ruas do trajecto, que no Porto até hoje se tem realisado.

As aclamações á lei da Separação eram constantes. As bandas executavam a *Portuguêsa*, no ar estralejavam milhares de foguetes. O entusiasmo era indiscriptivel; os vivas á Patria e á Republica ininterruptos.

Desde a praça Parada Leitão á Batalha, em frente ao govêrno civil, o cortejo passou por entre uma compacta multidão que se associou ás manifestações, tornando-as por vezes calorosas, empolgantes.

As janelas de muitos predios estavam engalanadas com bandeiras republicanas e pejadas de senhoras, que acenavam com os lenços, o que fazia com que o entusiasmo redobrasse de instante a instante. Era bélo o aspecto das escadas de Santo Ildefonso onde se postou o orfeon do Colégio dos Orfãos, entoando a *Portuguêsa*, delirantemente aplaudida pelos manifestantes.

Muito antes de áquele sitio chegar o extensissimo cortejo, já em frente do edificio do Quartel General e Govêrno Civil se aglomeravam alguns milhares de pessoas que estacionavam onde achavam conveniente para melhor poderem ouvir os discursos. E essa multidão engrossava a todo o momento, de maneira que, quando a avançada do cortejo assomou na rua da Batalha, todo o terreno gradeado que fica em frente daquele edificio estava literalmente apinhado, estendendo-se o povoleu pelas escadas que ao lado fronteiro lhe dão acesso.

Passavam poucos minutos das 15 horas quando na desembocadura dêssa rua apareceu a Banda dos Voluntarios do Porto, que abria o cortejo.

Os sons vibrantes do hino nacional, as bandeiras tremulando ao vento, os lenços e chapéus que se agitavam no ar e as ininterruptas aclamações á Liberdade, á Patria livre, á Republica, á lei da Separação, ao dr. Afonso Costa, etc., e por fim aqueles muitos milhares de cabeças que ondulavam como extenso mar, tudo, tudo oferecia um golpe de vista admiravel, assombroso, como não é facil vêr-se ou calcular-se!

E quando defronte do govêrno civil estavam as oito bandas de musica, que tantas foram as que tomaram parte na manifestação, e as 79 bandeiras alternando-se aqui e além com os 32 paineis, onde se liam vários pensamentos adquados, taes como os conhecidos versos de Guilherme Braga

Não fazem ninho os milhafres
Na caverna dos leões;

quando naquele vastissimo local e nas ruas que lhe dão acesso não havia um unico logar; quando de todos aqueles peitos saíam aclamações entusiasticas e vibrantes, o espectaculo era de aqueles que mais do que pela significação valia pelo aviso.

Ainda no Porto, desde a proclamação da Republica, não se fizéra, afirma-se, uma manifestação tão extraordinariamente grande como aquela, bastando dizer-se que nem todas as pessoas que entraram no cortejo pudéram caber no espaço compreendido desde a praça da Batalha até ao largo que dá para o Aljube!

Subindo ao govêrno civil a cumprimentar o chefe do distrito, sr. dr. Sebastião Peres Rodrigues, a comissão organisadora da manifestação, foi por esta ainda deposta nas mãos de sua ex.ª uma moção, que, previamente, da sacada do edificio, o dedicado republicano sr. Antonio Martins leu ao povo, que a coroou, no final, com vibrantissimas salvas de palmal.

Diz assim:

MOÇÃO

Considerando que as crises das nacionalidades, especialmente da nacionalidade portuguêsa, tem tido em geral, como causa, a acção dissolvente do clericalismo, agravada com o aparecimento do jesuitismo;

Considerando que os seus abusos e crimes provocaram em várias épocas medidas de defêsa da parte do poder civil, até em países monarquicos;

Considerando que, apesar das medidas tomadas pela Republica para defender a nação dos atropelos e invasões dos clericaes e particularmente dos jesuitas, estes tentam, com artificios e subtilezas, reconquistar a Provincia luzitana *para continuarem a sua obra de corrupção,*

O povo do Porto, porque quer honrar as suas gloriosas tradições e porque se sente afrontado nos seus sentimentos liberaes pelas provocações dos reaccionarios, reclama do poder legislativo que sejam mantidos os principios consignados na lei da Separação—a lei emancipadora das consciencias—e que quaesquer modificações nela introduzidas venham tornar mais energica, eficaz e insofismavel a defêsa da Liberdade contra a reacção.

A seguir falam ainda, arrancando fartos aplausos á multidão, os cidadãos Serafim Lucena, dr. Jaime Cortezão, dr. Pereira Osorio, Americo Cardoso, Raul Tamagnini Barbosa e por ultimo o chefe superior do distrito que diz não poder deixar, ao receber a moção do povo, de proferir algumas palavras, ele, um velho republicano, um velho ateu, um representante da autoridade.

E porque não, se hoje, ao representante da autoridade cabe tambem o direito de tomar parte nas manifestações que sejam de interesse para o País?

Permitam-lhe, portanto, que êle diga o que sente naquêle momento, que lhe faz recordar outros momentos passados em Lisboa, quando o povo em massa saudava entusiasticamente a Lei da Separação e o seu autor.

O admiravel diploma é uma consequencia logica dos factos. O clericalismo dos ultimos anos da monarquia impunha que a Republica fôsse anti-congreganista e anti-clerical, com leis liberaes como a da Separação, cuidadosamente executada nos moldes em que a vasou o talento privilegiado do dr. Afonso Costa. (*Ruidosa ovação*).

E foi por isso que o país, ao receber a Lei da Separação, o fez com verdadeiro entusiasmo.

Por várias vezes alguem tem querido estabelecer um paralelo entre o marquez de Pombal e o dr. Afonso Costa. Ele, orador, aceita esse paralelo, pois que as leis do marquez de Pombal foram para aquele momento e não duraram mais do que a sua existencia, emquanto que a Lei da Separação ha-de perdurar para gloria do país e felicidade do povo.

O Parlamento teve de revêr a Lei da Separação, não porque éla seja má, mas porque lhe compete fazer a revisão de todas as leis promulgadas pelo govêrno provisorio.

O que sairá dêssa revisão?

Sairá a lei atenuada, reduzida, amesquinhada?

Não. Não póde sair.

Vóses: —*Não! Não!*

Refere-se depois ás religiões, onde ha a razão do interesse, a razão das consciencias, sendo principalmente por causa dêssa que devemos defender a Lei da Separação.

Mas ha a religião dos simples, dos crentes, onde ha a tradição, principalmente no povo das nossas aldeias.

Poder-se-á arrancar a esses a ideia da religião?

Entende que não. Enquanto não educarmos esses povos simples não devemos privar essa gente do prazer espiritual — chamemos-lhe assim—que constitue uma parte da sua vida serena e tranquila.

Para concluir diz o sr. dr. Peres Rodrigues que não só do govêrno actual como do Parlamento, devemos esperar uma lei tal qual a ambicionamos.

E assim, devemos exigir a Separação da Egreja.

As ultimas palavras do orador foram freneticamente aplaudidas, terminando assim e no meio de vivas estridentes á Patria, á Republica e á lei da Separação a imponentissima apoteose á Liberdade que o Porto marcou indelevelmente nas paginas gloriosas da sua historia.

Por falta de espaço ficam-nos por publicar alguns originaes do que pedimos desculpa aos seus autores.

O "POVO,,

Dirigido pelo velho republicano Ricardo Covões, e com colaboração dos mais consagrados escritores portuguêses, encetará a sua publicação diaria da manhã no proximo dia 1 de Maio, este nosso presado colega de Lisboa.

Inserindo interessantes artigos sobre assuntos sociaes, financeiros e literarios *O Povo*, que tratará, desenvolvidamente e em secções especiaes, superiormente dirigidas por individualidades de conhecido relevo, do nosso movimento desportivo teatral, de instrucção, de modas etc., será um jornal moderno que terá do povo republicano, de que ele é um dos mais acerrimos defensores, um justo e carinhoso acolhimento.

Tendo correspondentes especiaes, noticiosos e telegraficos em todas as capitaes europeias, *O Povo*, que tem o valiosissimo concurso do distinto escritor Agostinho Fortes, alta gloria da raça portuguêsa, publicará em folhetins, a *Historia do Partido Republicano Português*, brilhante trabalho em que aquele cintilante escritor, pondo á prova, mais uma vez, o seu formosissimo talento, descreve, com um brilhatismo invulgar, os primeiros gritos da alma republicana, até ao seu epilogo na manhã gloriosa de 5 de Outubro.

Além deste folhetim a que está destinado um ruidoso sucésso, *O Povo* devido á pena de Emilio Castelar, fecundo romancista hespanhol, publicará uma das suas mais belas produções, o emocionante romance—*Historia de um coração*.

Impresso em maquina rotativa, de sistêma mais aperfeiçoado, *O Povo*, que dará aos seus leitores, seis e oito paginas em optimo papel, tem os seus escritorios e oficinas instalados na rua de Luz Soriano 48, para onde deve ser dirigida toda a correspondencia.

O SAL

Tem estado em Aveiro ao preço de 32$00 o vagon.

Notas mundanas

Deu á luz, em Ovar, uma robusta creança do sexo masculino, a sr.ª D. Eugenia Gomes Leite, extremosa esposa do distinto oficial do exercito e nosso presado amigo, tenente Manuel Rodrigues Leite.

As nossas felicitações.

= Acha-se quasi restabelecido o sr. João da Graça.

= Fez ontem anos o aplicado aluno do liceu Carlos Mesquita.

= A passar alguns dias está na sua casa do Paço, o sr. Manuel Dias dos Santos, honrado industrial.

= Visitou-nos o sr. João da Silva Matos, ha pouco chegado de Campinas, gentilêsa que agradecemos.

= Tem estado doente a esposa do sr. Carlos Mendes que carinhosamente é tratada pelo distinto clinico conimbricense, sr. dr. Luís Rosette.

= Vimos nos ultimos dias em Aveiro, os srs. Manuel de Souza Carneiro, de Agueda; dr. Isaac Ribeiro, oficial do registo civil em Fornos de Algódres; João Pereira Serrano, de Angeja; Sebastião da Trindade Salgueiro, do Porto; Serafim Méla, secretário de Finanças e Julio Sampaio Duarte, de Anadia; Antonio Teixeira da Silva, farmaceutico em Macieira de Cambra; Elias Marques Mostardinha Junior, da Oliveirinha; Claudio José Portugal, regedor de Requeixo; dr. Pinto Coelho, de Espinho e João Afonso Fernandes, da Quintã de Loureiro.

= A tratar-se da mordedura dum cão, seguiu para Lisboa, o sr. Alberto Rosa.

O Congresso do Partido Republicano

foi adiado para o mez de maio

Estando os trabalhos parlamentares num periodo intensivo, e não podendo, por isso, os membros do Senado e da Câmara dos Deputados assistir ao Congresso do Partido Republicano sem prejuizo dos aludidos trabalhos, o Directorio do partido resolveu, em sessão extraordinaria de domingo, adiar a reunião do referido Congresso para os dias 16, 17 e 18 de maio proximo.

Um jesuita em fóco

—=(*)=—

A noticia lançada pela imprensa de que o govêrno pretendia, a titulo de caritativa transigencia, deixar entrar em Portugal um jesuita para tratamento da sua saude abalada pela nostalgia da Patria, levou a que alguem na câmara dos deputados pedisse sobre o caso as devidas explicações, as quaes o chefe do govêrno logo prestou confirmando, com intima magoa o confessamos, que era rigorosamente verdadeiro quanto sobre o caso a imprensa referira.

O govêrno, todavia, inclinado a satisfazer os desejos do jesuita e de sua familia, resolvera mandar dois medicos á cidade fronteiriça hespanhola, La Guardia, onde o jesuita vive, afim de verificarem se, de facto, a vida do doente corria risco e lhe poderia ser *cordealmente* dispensado o conforto de vir morrer na sua patria e no seio da sua familia, que êle não vacilára repudiar e detestar preferindo seguir a seita representativa da maior vilêsa humana.

Os medicos reconheceram que o estado do doente não inspirava cuidados tendo até sido acompanhados pelo jesuita que em Caminha chegou a ser preso e de novo posto na fronteira hespanhola.

Cabe aqui perguntar se factos désta ordem poderão repetir-se noutro qualquer país onde se façam leis apenas para se não cumprirem. Sería, sem duvida, ridiculo, se não fôsse afrontoso, toda éssa comedia que sobre este caso representou o govêrno, especialmente, com quem, ligado a nefandos principios, não vacilou em abandonar familia e patria para déla apenas se lembrar por conveniencia, por necessidade. Conveniencia e necessidade que ámanhã, satisfeitas, de novo se transformariam em ingratidão, como é proprio dos miseraveis que em todas as épocas se distinguiram na pratica de toda a sorte de crimes.

E todavia condena-se um oficial, velho republicano e brioso militar, porque no percurso itenerario da sua força, uns soldados—diz-se—destruiram uns nichos que o vulgo denomina—*alminhas*—que em ridiculas e vergonhosas pinturas apresentam as labaredas do purgatorio purificando a alma dum Zé Grabiel qualquer que no sitio marcado fôra morto por um zagalote homecida ou uma vulgar congestão!

Anomalias da moderna... cordealidade.

MAS SAÍU!...

Referimo-nos ao *Divino Pae* que, no domingo, percorreu, procissionalmente, as ruas da cidade com autorisação de quem regula as exibições religiosas fóra do local a que verdadeiramente deviam circunscrever-se, notando-se por banda de alguns *soi-disant* católicos cérta emulação de envolta com censuras ao prior da freguezia a quem acusam de se ter entendido com a Cultual para a saída do viatico e outras festas da semana santa.

E' que, neste particular, os mordomos deixaram de estar com Deus para irem de encontro á lei que tantos engulhos causa aos exploradores do beatério e de aí o conflito entre eles travado, as desavenças, que não se sabe até onde irão se os amigos do prior continuarem a dizer aos outros: *mas saíu... mas saíu!...*

E que volta?...

UMA SINDICANCIA

—=(*)=—

Por deliberação unanime da Comissão Executiva da Junta Geral foi ha pouco ordenada uma sindicancia á irmandade do Santissimo Sacramento de Esgueira, sindicancia de que está encarregado o director desta folha e secretario da aludida comissão. Pois o orgão dos camaleões da Vera-Cruz não só veio taxar de ilegal essa sindicancia acompanhando o arrasoado com acanalhadas insinuações a um velho e dedicadissimo republicano, correligionario **desinteressado** do sr. Afonso Costa, como ainda se permite o descaramento inaudito deste desconchavo com que abre a presumida defêsa do sindicado:

> Está em fóco o presidente da irmandade do S. Sacramento de Esgueira, o sr. Mariano Ludgero Maria da Silva, que é uma força politica, **republicano-democratica,** naquela freguezia, etc., etc.

Ora como nos é de todo vedado discutirmos os fundamentos da sindicancia por a ela estar ligado o nome do nosso director, limitamo-nos a responder á classificação dada pelo *Bichêsa* ao juiz do Santissimo, publicando o seguinte curioso documento que circulou impresso:

AVISO

O sr. Agostinho Marques da Loura, em vista do seu estado de saude, pediu a exoneração do cargo de regedor da freguezia de Esgueira, logar que exerceu durante alguns anos com toda a honestidade. Lamento a sua saída.

O sr. Evaristo Rodrigues, que era regedor substituto, foi demittido por não convir ao serviço.

Para aquelles cargos foram nomeados:

Regedor efectivo — Manuel da Maia

Regedor substituto—Antonio Marques da Loura e Silva,

individiduos bem conhecidos pela sua honradez e belo caracter.

Esgueira, 20 de Agosto de 1910.

Marianno Ludgero

Estava então no poder o sr. Teixeira de Souza e continuavam a ser retintamente monarquicos, feitos até correligionarios desse estadista, os refinadissimos pulhas que em Aveiro só teem desprestigiado a Republica desmoralisando o partido democratico...

Vá-se embora

—=(*)=—

Nós fômos daqueles a quem a indicação que alguem fez do sr. Agnelo Regala para administrador deste concelho de Vagos não agradou. Mas aceitámos a sua nomeação por um excésso de complacencia e porque nos satisfizéram até cérto ponto as razões que nos apresentaram.

Disséram-nos que o sr. Regala precisava do lugar, onde se demoraria pouco tempo, para poder arranjar um atestado que provásse ter já servido cargos administrativos.

Esperavamos que apenas estivésse satisfeita a pretensão deste senhor, ele fosse imediatamente pedir a sua demissão, não para nos deixar o lugar a nós, que ainda o não cubiçámos, mas para nos não embaraçar na resoluta e purificadora politica republicana que hemos feito com denodo e dedicação. O sr. administrador, porém, agarrou-se de tal modo ao lugar, ou melhor, ás benesses que dele lhe advem, que não mais pensou em pedir a demissão, o que tería logo feito se possuisse ao menos o merito de conhecer a sua insignificancia, a sua incompetencia e o resto que lhe anda ligado.

Dos tres administradores que de Aveiro nos enviaram desde a proclamação da Republica, só um —o sr. Francisco Encarnação— soube cumprir dignamente os deveres do seu cargo. Não só fez uma bela politica de defêsa da Republica, castigando os masmarros que contra ela atentavam, e não pactuando nunca com os nossos adversarios, como agradou a todos os verdadeiros republicanos pelo criterio e escrupulo com que tratou todas as questões que embaraçaram a sua administração.

O atual administrador, vindo para Vagos como democratico, não devia nunca desatender as indicações da opinião do nosso partido, antes deveria fazer uma politica que conviésse á republicanisação deste povo, contrariada pela acção nefasta e embrutecedora dum cléro reaccionario e bronco.

Nós não pensámos nunca em prevalecer sobre a vontade do sr. administrador, nem lhe marcámos o caminho que ele deveria seguir, antes lhe démos sempre a maior liberdade de acção; e só quando soubémos que o sr. Regala se entendia com os nossos inimigos, que abandonava a administração por semanas inteiras e pretendia estultamente achincalhar-nos, só então começámos a fazer as criticas que tão estranho procedimento nos sugeria.

A defêsa que os nossos despreziveis adversarios tomam do sr. administrador não o deve lisongear: primeiro porque não envaidecem os elogios dos patifes e dos sem vergonha e segundo porque essa calorosa defêsa sobremaneira o comprométe.

No infeliz escrito que o sr. Regala inseria no *Campeão* ha uma passagem que nos tería ofendido, se este senhor podésse ofender. E' quando fala nas *influencias politiqueiras do logar que nenhuma consideração tivéram ou teem no espirito dos governadores civis.* O sr. Regala se prezásse mais a sua pessoa, se tivésse brio e fosse *justo, cordeal, republicano, bem educado e recto* como nesse escrito se apregôa, não escreveria esta boçalidade, que não nos maguou por partir do sr. Regala. Se o sr. Regala fosse bem educado, como diz ser, deveria corresponder á delicadêsa e á hospitalidade com que Vagos o recebeu. Porque é de tão bôa indole este povo que está sempre pronto a estimar os seus hospedes, ainda que eles sejam, como o sr. Regala, inconvenientes e desagradecidos.

Vagos 21 de Abril de 1914.

Antonio Lucio Vidal

ESCOLAS CENTRAES

—=*=—

Por deliberação da câmara foi ultimamente provido no logar de regente das escolas centraes de Aveiro o sr. Antonio Ferreira Coelho, antigo professor primario com uma vastissima folha de serviços á instrução tanto nésta cidade como no concelho de Anadia onde permaneceu bastantes anos antes de para aqui vir.

O acto da vereação é daqueles que não podemos deixar de louvar pois a colocação do professor Coelho sobre ser uma prova de consideração pelos seus meritos escuda-se ainda num grande sentimento de justiça que determinou a câmara a escolhe-lo para a regencia das ditas escolas, visto o esquecimento a que tem sido votado pelos poderes públicos não obstante ser, entre a classe do professorado, um dos mais distintos propagadores do ensino.

Ao sr. Antonio Ferreira Coelho os nossos parabens por a nomeação a que tinha incontestavel direito.

Academia de Leiria

E' esperada no dia 30 do corrente nésta cidade a academia leiriense que vem retribuir uma visita feita pelos seus colégas de Aveiro em 1911.

Acompanha-a o grupo dramatico e a tuna, que efectuam no dia seguinte á noite um espectaculo no nosso teatro, depois do que embarca para o norte em viagem de recreio e estudo.

Ser-lhe-á feita condigna recepção pelo elemento academico local, com quem hoje se viéram entender os delegados dos estudantes da linda cidade do Liz.

Cinêma

Tem tido ultimamente larga concorrencia as sessões cinematograficas do Teatro Aveirense onde continuam a ser exibidas as melhores fitas da atualidade.

Como numeros de variedades, tem o público apreciado imenso os trabalhos do notavel artista italiano, doutor Artur, que é realmente eximio nas suas inemitaveis experiencias transcendentais, pelo que não falta concorrencia aos seus espectaculos tão cheios de imprevistos, como atraentes e instrutivos.

O doutor Artur ainda se demora entre nós algum tempo, contando apresentar novas e desconhecidas experiencias que fazem parte do vastissimo reportorio das suas aplaudidas creações.

Livros, Revistas & Jornaes

—=(*)=—

Bibliotéca da Escola Secundaria de Comercio. —Recebemos o 3.º volume publicado da bibliotéca da *Escola Secundaria de Comercio*, que vem, como se vê, cumprindo á risca o seu programa de estudos e desenvolvimento intelectual.

Folgamos ter de constatar que a *Escola Secundaria de Comercio*, moderna como é, vai todavia conquistando um logar de destaque entre as suas congeneres, não só pela orientação que ali se dá ao ensino, mas ainda pela rasgada iniciativa do seu director, nosso amigo e antigo colaborador Humberto Bessa, que sabemos vem envidando todos os seus esforços e inergia para colocar o novel instituto a par dos mais modernos do estrangeiro e dos melhores instalados do nosso pais.

O volume que temos presente é o *Borrão n.º 1* organisado pelo proprio director da escola e dele resalta logo o espirito essencialmente pratico que presidiu á sua factura.

Simples como é, e como não podia deixar de ser, pois se destina ao 1.º ano, a sua orientação prática é evidente, obrigando o aluno a um aturado trabalho de movimento da escrita e preparando-o assim optimamente para os exercicios mais complexos e mais completos do 2.º ano.

O volume fecha por um *didemoire* de regras e noções de comercio que o aluno utilisa na escrituração pois tem assim sempre patentes sob os olhos as regras a que tem de obedecer no registo dos lançamentos.

A edição é magnifica, em bom papel velino, numa vistosa capa em percalina com vinhetas a ouro, sobresaindo o emblema da escola que é na verdade de um bonito efeito.

Descanço nas pharmacias

Mappa das que se encontram abertas nos dias de domingo abaixo designados:

ABRIL

DIAS	PHARMACIAS
26	RIBEIRO

A obra da Renascença Portuguêsa

BIBLIOTECA LUZITANA

Em 30 de novembro de 1912, ao iniciar, na Universidade Popular do Porto, uma série de lições sobre a historia da literatura nacional, eu lembrei, como meios de educação popular que estavam inteiramente dentro do programa da Renascença Portuguêsa, a publicação duma Bibliotéca Lusitana, a resurreição do Teatro Vicentino e a Festa de Camões.

Nésta havia a Renascença colaborado já, alguns mezes antes, e eu não perdi ainda a esperança de que a tornará uma festa nacional, promovendo-a anualmente, e procurando interessar néla todo o pôvo português, até que este sinta a necessidade consciente de comemorar o maior Poeta que o tem cantado.

Pelo que diz respeito á resurreição do Teatro Vicentino, eu quereria que a Renascença secundasse e alargasse a iniciativa de Afonso Lopes Vieira que é, certamente, entre os admiradores de Gil Vicente, o que encontrou a melhor maneira de popularisar a sua obra. Assim considero os *serões vicentinos*, acompanhados de conferencias, que, á custa do seu amorôso esforço e do seu entusiasmo, se têm realisado em Lisboa e nésta cidade.

A Renascença Portuguêsa já procurou mostrar que reconhece em Gil Vicente uma das nossas maiores figuras literarias pelo caracter lusitanissimo da sua obra, e, por isso mesmo, pelo seu excepcional valôr educativo. Tentei-o eu em três lições, acompanhadas de leituras explicadas, que, recentemente, realisei na *Universidade Popular*. Mas esta tentativa modestissima, é indispensavel completá-la, como acentuei, ao terminar aquélas lições, com a realisação de alguns *serões vicentinos*. Constitue isto uma das mais urgentes necessidades moraes em Portugal, visto que o nosso teatro atravessa, atualmente, uma das suas maiores e mais desoladoras crises. *Resuscitêmos Gil Vicente a vêr se se resuscita o teatro*, procurando, assim, realisar o pensamento que dominava Garrett, ao conceber o seu drama—*Um auto de Gil Vicente.*

Quanto á *Bibliotéca Lusitana*, julguei-a sempre uma obra de altissimo alcance, mas de dificilima realisação. Supuz mesmo que não chegaria a tentar-se ou que, pelo menos, só muito tarde se poderia fazê-lo. Enganei-me, porque chegou a oportunidade de começar a realisá-la.

O que me sugeriu a ideia da creação da *Bibliotéca Lusitana* foi a convicção de que em Portugal se desconhece o que ha de mais belo e mais representativo na literatura portuguêsa, desaproveitando-se, assim, um dos elementos que mais concorreriam para a formação do caracter, creando novas energias e enchendo de esperança e anciedade creadora. Entre as muitas razões que explicam este facto, avulta o desamôr ás nossas coisas, que começa a revelar-se no século XVI, como um dos simptomas da nossa desnacionalisação.

Aquêles que trabalham pelo renascimento lusitano, com entusiasmo e com fé, porque o presentem, reconhecem que êle depende, em grande parte, duma educação popular eminentemente nacionalisadora, tendo por fim crear no pôvo português um novo ideal colectivo, pela reencarnação das suas antigas qualidades. Para a solução dêste problema educativo, contribuirá, grandemente, o conhecimento das obras literarias que tenham dado expressão eterna áquélas qualidades, e daí a necessidade urgente de popularisar a sua leitura.

Propõe-se fazel-o a Renascença Portuguêsa pela publicação da *Bibliotéca Lusitana* que será iniciada, brevemente, sob a direcção do sr dr. Jaime Cortesão e de quem escreve estas linhas e com a colaboração de algumas das maiores notabilidades no nosso meio intelectual, entre élas a Senhora D. Carolina Michaelis de Vasconcélos, José Pereira de Sampaio (Bruno) e Joaquim de Vasconcélos.

Compreenderá a *Bibliotéca Lusitana* obras completas ou excerptos que sejam reveladores da alma portuguêsa, que tratem de figuras representativas da raça, que digam respeito a uma grande época historica, que se imponham pelo seu significado moral ou que devam considerar-se como modêlos de linguagem.

Cada obra será precedida dum estudo sobre o autor e a época a que pertence e sobre os seus intuitos, e acompanhada do comentario filologico, historico e estetico e ainda dum glossario, tudo isto sem caracter erudito e com a simplicidade e o desenvolvimento indispensaveis para tornar a sua leitura o mais facil, o mais atraente e o mais proveitosa que fôr possivel.

Respeitar-se-ha a linguagem original, procurando suprir a unica vantagem que poderia resultar da sua modernisação — a facilidade da leitura — pelos processos que ficam indieados. Não se tirará, assim, a cada obra, a feição propria que lhe dá a linguagem de que o autor, originariamente, usou e que serve para caracterisar a época em que foi escrita, e obtem-se, por aqueles meios de popularisação, grandes vantagens educativas.

Póde dizer-se que não se tentou ainda em Portugal a publicação duma Bibliotéca com os intuitos que ficam apontados. Tem havido, no entanto, segundo planos diversos, várias tentativas de Bibliotécas, e algumas valiosas, e não será exagero afirmar que todas ou quasi todas têm falhado.

Para que não possa profetisar-se egual sorte á *Bibliotéca Lusitana*, anunciar-se-ha uma série minima de obras, como consta do programa a seguir publicado, e no qual aparece o meu nome, méramente pela circunstancia de eu ter tido o ensejo de lançar uma ideia que estava no animo de todos os que trabalham pela obra da Renascença Portuguêsa:

BIBLIOTÉCA LUSITANA

Directores: Jaime Cortesão e Alfredo Coelho de Magalhães

Primeira serie das obras a publicar:

Poesia trobadoresca (Antologia), com um estudo critico, notas e glossario, por D. Carolina Michaelis de Vasconcélos.

Cancioneiro popular, com um estudo critico e notas, por Jaime Cortesão.

Romanceiro (Selecção), por Teofilo Braga.

Crónica do Condestabre.

Fernão Lopes e Azurara: Crónica de D. João I, com um estudo critico, notas e glossario, por Alfredo Coelho de Magalhães.

Rui de Pina: Crónicas de D. Duarte e de D. Afonso V.

Bernardim Ribeiro: A *Menina e Moça* e a obra poetica, com um estudo critico e notas, por Alfredo Coelho de Magalhães.

Cristovão Falcão: A Ecloga Órisfal, com um estudo critico, notas e glossario, por Alfredo Coelho de Magalhães.

Gil Vicente: Os autos das Barcas, com um estudo critico, notas e glossario, por D. Carolina Michaelis de Vasconcélos.

Gil Vicente: diversos autos, por Afonso Lopes Vieira.

Sá de Miranda: (Antologia), por Antonio Sergio.

Camões: Os Lusiadas, com um estudo critico e notas, por Jaime Cortesão.

Camões: A obra lirica e dramatica.

Diogo Bernardes: (Antologia), por Teixeira de Pascoaes.

Antonio Ferreira: (Tragedia Castro), por José Teixeira Rêgo.

João de Barros: (Excerptos das Décadas).

Diogo do Couto: (Excerptos das Décadas).

Damião de Goes: Crónica de D. Manuel, com um estudo critico e notas, por Joaquim de Vasconcélos.

Rodrigues Lobo: Eclogas e Côrte na Aldeia, por Ricardo Jorge.

D. Francisco Manuel de Mélo: Carta de Guia de Casados.

Frei Luis de Souza: A Vida de Frei Bartolomeu dos Martires.

Frei Luís de Souza: A Vida de S. Frei Gil (Da *Historia de S. Domingos*), com um estudo critico e notas, por Jaime Cortesão.

Padre Antonio Vieira: (Selecção de Cartas e Sermões).

Manuel Bernardes: (Excerptos).

Francisco Xavier de Oliveira: Extractos do *Amusement Périodique*, com um estudo critico e notas, por José Pereira de Sampaio (Bruno).

Reis Quita: (Antologia da obra lirica). Fabulario, por Leite de Vasconcélos.

Antonio José da Silva: O Amfitrião, com um estudo critico e notas, por Francisco Torrinha.

Bocage: (antologia), por Teixeira de Pascoaes.

Historia da Literatura Nacional: 1.ª parte (desde as origens até ao fim do século XVI), por Alfredo Coelho de Magalhães; 2.ª parte (desde o fim do século XVI até aos nossos dias), por Jaime Cortesão.

A segunda serie será constituida por obras completas ou excerptos de escritores do século XIX, entre outros Herculano, Garrett, Antéro, Guilherme Braga, Latino Coelho, etc.

A *Bibliotéca Lusitana* inclue ainda no seu programa a publicação de documentos ineditos, que tenham interesse sob o ponto de vista historico ou literario. Para a sua realisação convidará todos os escritores que se tenham entregado a estudos de critica literaria portuguêsa. A maneira como a Senhora D. Carolina Michaelis de Vasconcélos e os senhores José Pereira de Sampaio (Bruno) e Joaquim de Vasconcélos acolheram esse convite, convence-me de que a *Bibliotéca Lusitana* será bem recebida pelo país que, certamente, confia já nas promessas da *Renascença Portuguêsa*.

26—II—912.

Alfredo Coelho de Magalhães

As obras da Caixa

—(*)—

E' intuitivo que a direcção que tem de ser eleita consoante os novos estatutos da Caixa Economica, a primeira obra que deve fazer, logo que posse lhe seja dada, é lançar a terra aquéla rica chaminé das trazeiras da Caixa e que, para contraste com o branco imaculado da frontaria, nem as ventas lhe caiaram, deixando-a negra como um tição!

Como é talvez a ultima obra concebida pelo arquitecto, êle quiz deixar aquele padrão imorredouro da sua competencia. Ha gente intrigada e até apostada em descobrir a cerebrina intenção do arquitecto, deixando, de pé, aquéla obra prima, mas, até hoje, todas as locubrações, naquêle sentido, tem resultado inuteis. Como a arquitectura é arte que nos seus primordios tinha uma organisação algum tanto sibilina e maçonica, chegando os artistas a constituir uma classe com processos especiaes de organisação, com um simbolismo e emblemas muito curiosos, ha quem julgue, e não irá fóra de fio, que a chaminé talvez seja um sinal maçonico da mesma categoria do compasso e do esquadro entrelaçados...

E sendo assim, como tudo leva

a crêr, em virtude do mutismo do arquitecto, então é que nem direcção, nem assembleia geral, nem acionistas, nem os milhares de depositantes da Caixa tem poder para deitarem a chaminé abaixo, porque por detraz déla se alaparda a invisivel e poderosa maçonaria!

Então o caso é muito sério!

Em seguida ao desaparecimento da chaminé, se êle fôr possivel, seguir-se ha o arrancamento do cordão umbelical; depois a colocação das letras abaixo da cimalha, que são um verdadeiro escarro no meio do frontão. Ha quem afirme que esta tolice palmar foi por uma teimosia do arquitecto em não querer fazer obra pelo que está na frontaria do Teatro Aveirense, onde as letras ficaram no seu devido lugar. Depois segue-se o filete cujo arrancamento dará que entender, e logo, em seguida, por ficarem á mão, o arrombamento da janela a *infangir* e a substituição dos 4 canudinhos do terraço, por dois tubos, um a cada canto.

Para remate da obra fechou esta com chave de ferro, ou antes com uma grade que, pelo embrincado e gracioso do seu desenho, inutilisou por completo o cerebro que o engendrou.

E' um milagre de concepção! Ficou á altura da chaminé, do cordão, da janela, dos canudos, das letras e do filete.

Se lhe colocarem uma cruz no maravilhoso portão dá-nos uma ideia precisa de um cemiterio protestante. E na verdade a arquitectura encontrou ali o seu cemiterio, apezar de embelezado com o prato obrigado da palmeirinha ao centro...

CARTA

Sr. redactor

Analogicamente ponderando mas muito imparcialmente, admira-me bastante que o professor da escola oficial de este logar de Pinhão de Pindelo, mui digno negociante de bácoros e leiteiro conforme lhe têm chamado, não tenha coragem de solicitar a sindicancia á escola e não chame á responsabilidade perante o tribunal, conforme pediu, das acusações que lhe fez o sr. Joaquim da Costa Santos, de que o seu muito acreditado jornal tem sido éco. E' de desconfiar, sr. Redactor, que o elemento clerical tenta salval-o por meio da empenhoca, visto pertencer ao sequito do inclito carinha rapada de Pindelo, por isso será bom que o cidadão inspector ordene a sindicancia á escola conforme se tem clamado para não recorrermos a outros extremos, já que o aludido professor se mete em copas e não a solicita e por consequencia provada está a sua culpabilidade e a justiça não póde ser nesta terra uma palavra vã conforme foi no tempo da defunta monarquia.

Muito grato lhe fica pela inserção destas linhas e que se subscreve

De v. etc.

Pinhão, 20 | 4 | 914.

Um assinante

Carta de Africa

Beira, 29 de Março

Pediu a demissão de empregado da Companhia de Moçambique, o cidadão Constantino Sanches Lopes, ex-escriturario da repartição de Agrimensura e que seguiu a bordo do *Prinzessin* com destino a Lisboa.

Bôa viagem e que encontre todos os seus bem.

= Cada vez é maior o descontentamento que existe entre os empregados da Companhia de Moçambique, pelas ordens emanadas do governador interino, major Eduardo Marques.

Quando o governador efectivo Pery de Lind foi chamado telegraficamente a Lisboa para conferenciar com os comilões da baiuca da rua do Alecrim, dizia-se que o govêrno da Companhia ia ser entregue a um homem, que pelo seu passado só sabia fazer justiça, etc., etc.

Nada disso sucedeu, porque o governador interino com as suas manhas jesuiticas, só tem feito injustiças, preterindo empregados que lhe não são afectos pelo seu pensar.

O actual governador, é aquele celebre reaccionario-franquista que foi expulso de Macau, quando recebeu a noticia da proclamação da Republica e se negou a arvorar o pavilhão verde-encarnado da Democracia; mas por esse facto, o povo, indignado com tal procedimento, imediatamente o mandou meter a bordo, seguindo, destino de Hong-Hong, para que não pagasse com a vida o insulto que dirigia aos republicanos ali residentes.

Este uberrimo torrão africano nunca teve á faente do seu govêrno um homem com tão nefastas qualidades.

= Até agora ainda não se sabe os motivos que levaram o atual governador, a demitir o ilustre medico, dr. Artur Leitão.

Mas é muito possivel que se o dr. Leitão fosse um homem de qualidades paralelas ás do governador jámais o demitissem.

= Esteve alguns dias entre nós, o nosso amigo e correligionario João Luiz Correia, abastado agricultor em Bandula.

= Em serviço da emprêsa de *Propaganda e Fomento da Africa Oriental Portuguêsa*, partiu ontem para Macequece, o nosso amigo e correligionario sr. João de Freitas Barreto, activo industrial nesta cidade.

= Acabo de ter a noticia do falecimento do ilustre senador dr. Francisco Correia de Lemos, perdendo o Partido Republicano Português com a morte do honrado cidadão, um dos seus valiosos elementos.

A' familia do saudoso extinto os nossos pêsames.

= Pela entrada do *Democrata* no 7.° ano da sua existencia enviamos as nossas saudações ao seu director desejando a continuação das prosperidades deste vigoroso semanario aveirense.

C.

O Democrata, vende-se em Lisboa na *Tabacaria Monaco*, ao Rocio

Anuncios

CAIXA ECONOMICA DE AVEIRO

São por este meio convidados a reunirem, pelas 11 horas da manhã do dia 26 do corrente mez, no edificio da Caixa Economica de Aveiro, os senhores depositantes da mesma Caixa, a fim de, nos termos do § unico do artigo 87.° dos novos estatutos, aprovados superiormente e publicados no *Diario do Govêrno*, n.° 80, da 2.ª série, em 7 do mesmo corrente mez, elegerem os seus delegados que, segundo o disposto no artigo 60.° tem de fazer parte da assembleia geral.

Aveiro e Caixa Economica, 14 de Abril de 1914.

O presidente da Direcção,

Francisco Augusto da Fonseca Regala